

DISTOPIAS EM REINAÇÕES DE NARIZINHO, DE MONTEIRO LOBATO

Alexandrina Verônica Guedes das Neves
Doutoranda em Ciências da linguagem
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
xandaguedesliter@gmail.com

RESUMO

Na literatura infantojuvenil do Brasil, coube a Lobato ser uma espécie de divisor de águas que separa o Brasil do passado e o Brasil da atualidade. Fazendo a herança do passado emergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando: rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas da literatura infantilizada para crianças e abre as portas para as novas ideias e formas que o novo século impunha. Em 1931 o autor escreve a obra "Reinações de narizinho", livro que apresenta o Sítio de Dona Benta e todos os personagens que moram lá. Nesse lugar, tudo é possível, tudo é natural, e os sonhos são realizados de fato, e não apenas desejados. Através desse livro, Lobato resgata parte do patrimônio cultural de todos nós, ao mostrar um *espaço ficcional* brasileiro, impulsionando o interesse pelo imaginário, além da distopia das questões sociais e políticas. Desse modo, é objetivo deste trabalho analisar a função do espaço na narrativa, desencadeando a possibilidade de observar, também, a modernidade de Monteiro Lobato e como a criança, através dessa obra, recebe informações que a instrumentam para a crítica e como ela pode ver criticamente aspectos reais, os quais têm como características a falta de limites com para acontecimentos irreais.

PALAVRAS-CHAVES: MONTEIRO LOBATO; ESPAÇO; DISTOPIA

1 INTRODUÇÃO

As incertezas acerca do futuro, da mesma forma que nos amedrontam, permitem a elaboração de uma série de hipóteses no que diz respeito ao que está- ou não- por vir. E tratando-se da ficção daquilo que poderia ser um lugar ruim para viver é o que compõe a linha tênue do gênero distópico.

De forma simplificada, uma distopia se mostra como uma descrição ficcional de uma sociedade que vai na contramão do ideal (da utopia) e que considera o futuro em um contexto no qual o Estado se utiliza da razão para espalhar a violência e ter o controle das massas, perpetuando desigualdades. Na literatura distópica, pode haver a representação de um regime utópico que na prática destoa da teoria.

Nesse contexto, observamos que o caminho percorrido pela literatura infantil brasileira passou por muitos percalços: primeiro, para não ser vista como uma literatura menor, por estar dedicada à criança; depois, para desprender-se das intenções pedagogizantes e, por último, firmar-se como uma literatura brasileiramente genuína, sem traços europeus. Saliente informar que Monteiro Lobato foi um divisor de águas nessa conjuntura, uma vez que pensava na criança como um ser inteligente e dedicou a elas 23 obras completas: *O sítio do picapau amarelo*. Essas obras firmaram Lobato como um dos maiores escritores da literatura infantojuvenil brasileira, um homem à frente do seu tempo.

No Brasil, a literatura infantil produzida antes da obra de Lobato era composta, geralmente, de meras histórias moralistas, com o intuito de ensinar e de educar a criança. O autor ofereceu uma leitura prazerosa e fez entender que criança é um ser pensante e capaz de juízos críticos. Desse olhar sobre o leitor, segundo Raquel Afonso da Silva, partem as inovações propostas por Lobato, inaugurando uma nova trilha nos caminhos da produção literária orientada para crianças e jovens (SILVA, 2009, p. 104). Lobato embarca nessa aventura, e os títulos se sucedem e ele se consolida junto ao público leitor. Nessa perspectiva, podemos afirmar, assim, que, pelo tratamento inovador que esse ficcionista deu à produção literária, a literatura infantil brasileira se projeta como antes e depois da obra lobatiana, um pensamento exterior, que chegou aos corações das crianças brasileiras. Assim, neste artigo, propomos observar as distopias no livro R*einações de Narizinho* (1931) que destacam, em especial, um lugar onde tudo é possível, onde as ações trilham entre o mundo real das personagens e a fantasia, destacando a importância do *espaço*.

2 DISTOPIA

Entendemos que a distopia nasceu da utopia, e que ambos os conceitos são intimamente ligados. Em toda utopia, existe um elemento distópico, latente ou expresso, e vice-versa.

A utopia pode se mostrar distópica quando não forem compartilhados os pressupostos essenciais, ou utópica a distopia, se a deformação caricatural da realidade não for aceita.

A distopia notabiliza o medo da opressão totalizante, e pode ser caracterizada como o oposto da própria utopia.

Faz-se necessário considerar a relatividade de algumas coisas, principalmente quando o sonho de um indivíduo pode ser o pesadelo do outro. Afinal, o sonho de alguém pode ser inofensivo para o outro. Trata-se principalmente da constatação de que o "sonho" perfeito de um, quando é oriundo de um constructo abstrato (que é efêmero mas se quer eterno, que é singular mas se imagina universal, que aspira a decretar o fim da História por se crer o ponto de chegada da vida humana), esse sonho é o que gera o pesadelo da distopia.

A ligação entre o real e o ilusório é estreitíssima na utopia, uma vez que ela é legalizada filosoficamente por aquilo que parece ser concreto, mesmo que não venha a se efetivar.

Na *Poética* de Aristóteles, onde está dito ser a poesia mais ampla que a História, pois realiza até o fim aquilo que a História apenas esboçou. Hegel conceituará uma realidade notavelmente rica, em que o existente contará com várias dimensões – todas reais.

Alguns autores famosos de ficção literária como George Orwell, Aldous Huxley, Kurt Vonnegut, Margaret Atwood, Anthony Burguess e Ignácio de Loyola Brandão têm em comum narrações que viabilizam um futuro não muito longe de uma sociedade que vive em tormentas, sob o controle de um regime autoritário, sem esperança de dias melhores. Na verdade, eles escrevem sobre um *lugar* ruim- a distopia.

Importante lembrar que o termo *distopia* foi usado em um discurso político no século XX e que, desde então, tem se caracterizado como gênero literário, por se constituir "como forma de compreensão do mundo moderno através da narrativa das forças sociopolíticas nascentes e suas resultantes sobre a vida cotidiana dos indivíduos" (HILÁRIO, 2013, 2). A distopia, no grego antigo, significa literalmente "lugar ruim". A palavra é usada para descrever um lugar, uma época, uma comunidade ou uma sociedade imaginários onde se vive de forma precária, sofrida, sob um regime autoritário e muito desespero. Na medicina, o termo é usado para definir um órgão anômalo que está fora do lugar no organismo. Toda distopia traz como característica a composição pela presença do sofrimento humano em sociedades regidas por regimes

autoritários — como no fascismo —, em que há falta de liberdade, baixa qualidade de vida, desigualdade, condições ambientais adversas e a desumanização desses elementos.

A literatura distópica tem uma ampla produção. Histórias consagradas como *Admirável Mundo Novo*, de Huxley, e *1984*, de Orwell, citadas por Claeys (2010) que, ainda que tragam discussões cada vez mais atuais (mesmo produzidas há muito tempo atrás), também propõem uma discussão em ciclos da história e não são a procura inicial dos jovens leitores de literatura distópica. A série *O sítio do picapau amarelo,* de Monteiro Lobato, também, em algumas de suas narrativas, reclama um universo real transformado pela fantasia, a historicidade de uma nação contada para criança diante de uma sociedade distópica.

Com frequência, nos dias atuais, observamos que não só a literatura foi palco para esse fenômeno mas também os cinemas, que fazem periodicamente adaptações de obras para telas em todo o mundo. Muitas dessas distopias carregam consigo elementos das distopias clássicas. Existe uma aceitação grande aqui no Brasil desse tipo de gênero, especialmente voltado para as séries como *Jogos vorazes, Divergentes...* que conseguem, dentro dessa produção cinematográfica, chegar ao público infantojuvenil.

Ainda assim, observa-se que elas trazem histórias sobre os problemas sociais e políticos de determinada sociedade, discutem questões de estética para pensar os padrões de beleza, além de tratarem sobre as diferenças na sociedade, sempre havendo aqueles que claramente possuem mais benefícios que outros e o quanto isso parece ser, embora superficialmente, aceito. Nesse sentido, segundo Cerqueira (2017),

> Há uma abordagem diferente acerca do posicionamento e desfecho. Há uma abertura nos finais para que as mudanças ocorram de forma menos agressiva e com a esperança de um futuro melhor. Ela diz: [...] é importante traçar uma certa diferença entre as distopias clássicas e as infantojuvenis. Entre as clássicas, é possível identificar uma maior tendência pela distopia tradicional ou genérica. Esse tipo de distopia diz respeito a um modo sombrio e pessimista de representação da realidade, [...]. Se existe alguma esperança nas distopias tradicionais, ela se apresenta somente ao leitor, através do alerta que pode impulsioná-lo a buscar um futuro melhor. Esse é o caso de *1984* e *Admirável Mundo Novo*, por exemplo. Entre as distopias contemporâneas infantojuvenis, no entanto, parece haver uma maior tendência pela distopia crítica. [...] São, portanto, distopias que geralmente resistem a um desfecho conclusivo, preferindo finais abertos, nos quais se inscreve o impulso utópico (2017, p. 4926).

Os contos maravilhosos, de uma forma geral, promovem estimular valores e impulsionar a reflexão do leitor infantojuvenil para condição humana de que não

precisamos pagar maldade com maldade, desencadeando sempre para desfechos felizes. Todavia, os contos mais atuais, discernem para que as distopias existentes, possam ser mudadas ou transformadas, gerando assim, a possibilidade de criar um novo desfecho, aquele que lhe parece conveniente; pois acreditamos que o papel da distopia também é fazer relevantes tais discussões, uma vez que, para pensar em um futuro melhor, ou mesmo uma saída para o futuro que consiga trazer algo mais promissor, ou ao menos evitar que acontecimentos alertados na obra ocorram de forma parecida com os da vida real.

O final aberto para os leitores de literatura infantojuvenil pode apenas ser uma forma de abordagem pensada para o público, sem tantas entrelinhas, um final mais aberto, porém com uma margem interpretativa mais evidente, que direcione o leitor à esperança já proposta quando decide se alertar sobre os fatos. Nas aventuras do Sitio, percebemos um entrosamento entre a criança e o autor. Lobato, fazia questão de ler todas as cartas que os leitores lhes enviavam e que opinavam sobre os enredos, personagens. O espaço criado por ele, permitia sonhar, descomplicar as coisas e, as crianças, acreditavam nessa possibilidade, muitas vezes contribuindo com passagens do enredo e pedindo ao autor para participar de uma de suas aventuras. Havia uma espécie de credibilidade por parte dos leitores, eles sabiam que no Sítio do Picapau Amarelo, tudo poderia acontecer.

2.1 ESPAÇOS DISTÓPICOS NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO

Na criação desse espaço fascinante idealizado por Lobato, O sítio do Picapau Amarelo, percebemos que o autor, sempre demonstrou um olhar diferenciado por esse elemento narrativo, buscando instancias de interação com o real e o imaginário, espaços onde os personagens se identificam e interagem com o leitor. Assim, o espaço é uma categoria que sempre interessou aos diversos críticos que se ocuparam da narrativa. Apesar disso, não são muitos os estudos teóricos no âmbito da Teoria Literária sobre essa categoria. Na verdade, a maior parte das reflexões teóricas sobre o espaço encontra-se disseminada em estudos críticos que examinam esse aspecto juntamente com outros aspectos da narrativa em obras de determinados autores. Logo, em geral, não são estudos extensos, nem profundos sobre essa questão. Por isso, sentimos a necessidade de sistematizar algumas concepções teóricas de espaço, principalmente

aquelas que têm alguma relação com os diferentes tipos de espaço presentes nas obras de Monteiro Lobato que apresentam distopias.

Nesse aspecto, consideramos a obra *Reinações de Narizinho* (1931), marco inicial da saga do Sítio, um livro que, além de apresentar os personagens juntamente com todas as suas características, enfatiza o *espaço* como elemento transformador e essencial nas narrativas.

Percebemos as origens brasileiras em cada espaço descrito: *o reino das águas claras; a casa do sítio, a gruta da cuca; a cozinha de tia Nastácia; o laboratório do Visconde; A mata do capoeirão dos tucanos.*

Lobato queria descobrir e conquistar aquilo que constituía a essência do povo, sua força, a sua razão maior: a sua brasilidade. Essa brasilidade pode ser vista através das cartas enviada ao amigo Godofredo Ranchel expressando sua preocupação com a literatura infantil brasileira e também com o rompimento das influências estrangeiras, principalmente a europeia ao escrever o Sítio do Picapau Amarelo. Observamos também a busca da autenticidade e da simplicidade do povo brasileiro através de suas manifestações em sua obra infantil. O autor manifesta que era preciso acordar os brasileiros, demovê-los da prática nociva de camuflar os problemas do país, de enfeitar a desgraça, levando-os à atitudes positivas de buscar soluções para melhorar o seu país.

Assim, nos espaços que compõem o Sitio, existe uma preocupação por parte do autor, em fazer parecer com lugares onde as crianças brasileiras se identificam: casa de vó, frutas no quintal, rio, mata; e com eles personagens folclóricos que rodeiam a cultura do nosso país.

Cada espaço desse representa acreditar num lugar(s) de possibilidades, onde as distopias acontecem, são conhecidas, analisadas pelo público leitor e, fácies de serem colocadas de maneira a ofertarem um bem comum a todos, afinal, Lobato nos oferece o pó do pirlimpimpim, e com este, a chance de mudarmos para melhor, ou conhecermos o melhor caminho para mudar as coisas.

Apontamos nas análises desse trabalho, episódios que visualizam os espaços distópicos, levando o leitor à reflexão das diferenças entre as sociedades, acentuadas através dos intertextos encontrados em toda obra. Procuramos respostas para entendermos nesse contexto no + livro analisado, por que personagens dos contos de fadas fogem do universo de suas histórias? Por que o autor faz questão que a turma do sítio conheça o reino das abelhas? São questionamentos que visam mostrar à criança e ao jovem que existem mundos diferentes e que muitas coisas são consequências de

nossa forma de encarar o mundo. Monteiro Lobato, mesmo decepcionado com as questões políticas e sociais de seu país, pacifica a literatura para criança, mostrando a elas que podemos mudar as coisas quando somos também capazes de enxergar criticamente o papel nessa sociedade, o quanto cada um é essencial para as mudanças acontecerem. O Sítio do Picapau Amarelo desencadeia um mar de fantasias, e nelas, somos felizes.

3 SOBRE REINAÇÕES DE NARIZINHO

Alguns críticos comentam que foi entre a fundação e a falência da Editora que levava seu nome que Monteiro Lobato criou sua mais bela invenção: *O Sítio do Picapau Amarelo*, cuja história começa a circular em 1921, ano da publicação de *A menina do nariz arrebitado*. Essa obra foi editada no formato atual em 1931, com o título de *Reinações de Narizinho*, pela justaposição de vários livrinhos curtos, lançados de forma independente ao longo dos anos de 1920. Lobato "revela-se simultaneamente um homem de sua época [...] e um atualizador, trazendo para a mentalidade de seu momento histórico o que lhe parecia ultrapassado ou envelhecido" (ZILBERMAN, 2003, p.157).

Dentro da perspectiva do gênero textual, *Reinações de Narizinho* oferece inúmeras possibilidades como analisar a heterogeneidade tipológica, estudar a variedade de gêneros além de construir com êxito as relações inter-gêneros, uma vez que algumas histórias podem ser lidas independentes e outras complementam as demais. Encontraremos características e formas diversas do conto, que é uma narrativa unívoca, univalente e que constitui uma unidade dramática por possuir só uma célula dramática (MOISÉS, 1967, p. 95).

O livro dá início à saga do Sítio do Picapau Amarelo. É um clássico da literatura e até hoje serve de inspiração para muitos autores infantis. Conta a história de Dona Benta, uma velha de mais de sessenta anos, leitora assídua e contadora de histórias, que era dona do Sítio e morava nele junto com a neta Lúcia, a menina do nariz arrebitado ou simplesmente Narizinho. Também morava lá tia Nastácia, negra que ajudava nos afazeres da casa e era uma quituteira de mão cheia. Durante as férias, recebiam a visita de Pedrinho, que morava em São Paulo, neto também de Dona Benta, os quais, junto à boneca Emília, o sabugo de milho Visconde, o porquinho Rabicó, o burro falante e outros personagens, viviam as mais fantásticas aventuras. O livro é formado de muitas e

pequenas histórias, previamente publicadas, organizadas em capítulos. Algumas histórias são originais, enquanto outras são combinações de outras já conhecidas, oferecendo ao leitor um universo de intertextualidades.

Em especial nessa obra, Lobato apresenta todos as personagens do Sítio e narra inicialmente o encontro de Narizinho com o príncipe Escamado e a ida ao reino das Águas Claras. Lá conhece o doutor Caramujo, que possui as pílulas que curam tudo e faz a boneca Emília falar, a partir de uma de suas pílulas falantes. *Reinações de Narizinho* é composta por 11 episódios independentes, podendo ser lidos separadamente ou em ordem aleatória.

Essa obra inicia uma carreira de amor à literatura infantil brasileira por Monteiro Lobato, dando origem a uma literatura com a cara do Brasil. Aqui, as crianças se sentiam em casa, conheciam cada personagem e se identificavam com o lugar, um sítio onde a fantasia dormia e acordava lá.

4 ANÁLISE

O livro *Reinações de Narizinho* (1931) retrata um universo que transita entre o real e o imaginário. No sítio de Dona Benta, todas as coisas se tornam possíveis através do pó do pirlimpimpim, que consegue teletransportar todos os personagens do sítio para qualquer lugar no tempo em que desejarem. Esse poder de viajar no tempo e na história exercido pela boneca Emília faz com que as histórias contadas por Dona Benta sejam aprendidas na intriga; já que o autor trazia em seus temas a preocupação em fazer a criança aprender de uma forma inteligente e divertida.

Subjaz à narrativa de Lobato o reinventar os contos infantis modificando e inovando a literatura infantil brasileira. O autor consegue criar um "espaço" onde quase tudo é permitido, brincando com a fantasia e, por que não dizer, com a linguagem. Lobato dedicou parte de sua vida à produção infantil**,** e seus livros pressupõem uma organização social moderna, por onde circula uma imagem especial da infância. Sobre tal obra**,** Lajolo postula:

> A obra infantil lobatiana é um projeto literário e pedagógico sob medida para o Brasil que a viu nascer e multiplicar-se ao longo dos anos. Monteiro Lobato aposta alto na fantasia, oferecendo a seus leitores modelos infantis - as personagens - cujas ações se pautam pela curiosidade, pela imaginação, pela independência, pelo espírito crítico, pelo humor (LAJOLO, 1999, p.60).

Importante destacar que na obra infantojuvenil de Lobato e, em especial a que analisamos, apresenta-se dois níveis distintos. Segundo Zilberman (1983)

> […] num deles, a criança pergunta e recebe informações que a instrumentam para a crítica; no outro, vê criticamente aspectos reais, os quais têm como característica infantil a absoluta falta de limites com acontecimentos irreais. Tudo é possível. As noções de tempo e de espaço são eliminadas. Tudo é natural, nada é sonho, ou melhor, o próprio sonho é vivido e não sonhado (p. 104).

Esse universo aparentemente distópico, enfatiza a reflexão da criança e do jovem para um espaço que, mesmo sendo mágico e fantasioso, ficcional, um espaço criado pelo autor, apresenta elementos reais de uma sociedade cercada de problemas. O Brasil não deixa de circular no Sítio de Dona Benta, muitos menos suas adversidades. Destacamos, agora, um trecho do livro encontrado no capítulo XI intitulado A RAINHA:

> – Não, senhora! – respondeu a abelha. Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas (LOBATO, 2008, p. 66).

Saliente lembrar a pragmática e o comprometimento político que Monteiro Lobato sempre estimou e acreditou num país rico em todos os aspectos (político, econômico e cultural). Costumava lutar por mudanças sociais e acreditava em movimentos que pregassem a igualdade e a justiça. Diante desse espaço literário, Lobato percebe que a criança será instigada a questionamentos e não apenas a brincadeiras, por isso a conduz a um senso crítico de tudo que está a sua volta, indagando sobre sua realidade e buscando solução para os seus problemas. De acordo com Reczcki e Silva (2021):

> Talvez seja esse potencial que ele permite aos seus personagens infantis que prove sua própria visão diante do mundo em que ele mesmo viveu. Sendo assim, construiu seus ideais, sejam culturais, políticos e sociais, pois, ao ler suas obras, fica evidente a necessidade de apresentar a importância das experiências para a construção significativa desse ser criança em um ser adulto, capaz de tomar as rédeas de sua própria vida, de maneira crítica e reflexiva (p. 3).

Diante desse espaço maravilhoso criado por monteiro Lobato, onde o real e o irreal se encontram, percebemos que o autor traz outros “espaços” para o Sítio

revestidos de acontecimentos históricos, sociais e políticos em que os personagens participam dessas aventuras de forma a encerrar os episódios sempre com finais felizes. As crianças e os jovens são levados a pensar como poderíamos também ser uma sociedade organizada, que mesmo vivendo uma realidade *ficcional* no Sítio do Picapau Amarelo, há uma consciência de que fora daquele lugar há outros espaços que precisam melhorar. Vejamos esse exemplo abaixo, também do capítulo *A RAINHA:*

> - Já reparou, Emília, como é bem-arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! Estive no quarto das crianças. Que gracinha! Cada qual no seu berço de cera, com pernas e braços cruzados, todas tão alvas, dormindo aquele sono gostoso... o que admiro é como as abelhas sabem aproveitar o espaço. Como sabem economizar cera, tudo dispondo de modo que a colmeia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim.. (Lobato, 2008, p, 66).
> O reino das abelhas é trazido para os personagens como exemplo de uma sociedade justa, na qual todos trabalham, têm a sua função e comungam de todos os bens de forma igualitária. Mais um discurso crítico da distopia existente no nosso país. Assim conclui:
> A abelha continuou:
> - Pensa que a nossa rainha é alguma dama emproada como a rainha dos homens? Nada disso. Nem rainha é! Os homens é que lhe chamam assim. Para nós não passa de mãe. Todas somos filhinhas dela, todas, todas! E rodeamo-la de comodidades e carinhos, sem nunca lhe darmos o menor desgosto. Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma do nós, é feliz porque todas somos felizes. Lá não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si!
> Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transforma-se em abelhas para morar numa colmeia daquela, toda a vida ocupadas num trabalho tão lindo como esse de recolher mel e o pólen das flores. (LOBATO, 2008, p. 67).

Entendemos que todo esse diferencial na literatura lobatiana contribui para despertar o senso crítico do leitor, por fazer permitir ver o mundo de uma outra maneira, poder criar questionamentos acerca dele, da própria vida e dos problemas sociais, além de dar à criança autonomia para refletir sobre tudo isso. As histórias do Sítio encantam crianças e leitores até os dias atuais e suas obras são ou não reflexos de um contexto vivido e indagado por ele mesmo quanto ao Brasil político, econômico, cultural e suas relações sociais. Suas concepções, de fato, apresentam um caráter humanizado, tornando o homem mais humanizado através da criança leitora.

Quanto à obra, ainda é importante atentar para os elementos de outras narrativas que Lobato traz às suas aventuras, como Dona Carochinha, Pequeno Polegar, Pinóquio, Gato Félix e Peter Pan, evocando o intertexto que possibilita ao leitor o encontro com inúmeros personagens da ficção universal. É possível observar esta questão no primeiro

momento em que Narizinho e Emília estão no rio do Sítio, mais especificamente no Reino das Águas Claras, do príncipe Peixe Escamado. No palácio do reino, começa uma audiência em que surge "uma baratinha de mantilha" (LOBATO, 2008, p. 17), esta baratinha é a célebre Dona Carochinha das histórias famosas, ela se queixa da fuga do Pequeno Polegar do livro a qual ele pertence, depois diz ao príncipe, e também a Narizinho que está presente, que, além do Polegar, outros personagens de suas histórias andam aborrecidos de viverem da forma como estão, naquela normalidade de sempre. Veja o trecho a seguir:

> — Por que ele fugiu? — indagou a menina. Não sei — respondeu dona Carochinha — mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda vida dentro delas. Querem novidade. Falam em correr o mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato de Botas brigou com o Marquês de Carabás e quer ir para os Estados Unidos […]" (LOBATO, 2008, p. 18).

Na parte do livro intitulada *Aventuras do Príncipe*, surge o Gato Félix no Sítio do Picapau Amarelo. Como o próprio declara a Emília e Narizinho, está à procura de novos ratos:

> [...] –É ele mesmo! - exclamou a menina. - juro que é o Gato Félix!
> O gato saiu da moita, vindo com toda a sem-cerimônia sentar-se no colo dela. Narizinho alisou-lhe o pelo e indagou:
> - Como é que anda por aqui, Félix? Pensei que morasse nos Estados Unidos.
> - Ando viajando- respondeu_ ele_ . Estou correndo mundo para fazer um estudo sobre ratos. Quero saber qual o país de ratos mais gostosos. Até no fundo do mar já estive, onde me empreguei numa corte muito bonita de uma tal Príncipe Escamado. (LOBATO, 2008, p.114).

Essas intertextualidades acentuam ainda mais o espaço do Sítio do Picapau Amarelo, um local onde tudo torna-se possível e todo sonho é vivido naturalmente. Lobato ao trazer esses personagens dos contos de fada, distancia-se do real e instaura o maravilhoso em suas narrativas. O autor rompe com as tradições e propõe nacionalizar esses personagens europeus, mostrando nossas histórias e reverenciando nossa cultura, tudo isso com humor e irreverencia.

Em outro episódio, intitulado "preparativos" (....), Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde têm a ideia de dar uma festa para todos os personagens dos contos de Grimm e, com a ajuda de um beija-flor que levou todas as cartinhas no bico no dia marcado, foi aparecendo um a um dos convidados.

> - Para quem mandou convites?
> - Para todos_ para Cinderela, para Branca de Neve, para o pequeno Polegar, capinha Vermelha, Ali Babá, Gato de Botas_ todos!
> - Não esqueceu o Peter Pan?
> - Está claro que não! Nem Aladim, nem o Gato Félix verdadeiro. Até o Barba Azul. . (LOBATO, 2008, p.121).

No momento em todos vão chegando ao Sítio de Dona Benta, são recebidos com alegria por Narizinho e Emília e, assim que são acomodadas na sala da casa, são surpreendidas pelas perguntas da Emília sobre suas histórias e o fim dos seus inimigos.

Interessante perceber, que diante das respostas dadas pelos ilustríssimos convidados, notamos que os mesmos, ao se encontrarem nesse universo mágico que é o Sítio do Picapau Amarelo, procuram desfocar ou dá explicações que fogem das narrativas já conhecidas.

> [...] Há outro ponto que me causa dúvida. Que é que aconteceu para a sua madrasta e suas irmãs, afinal de contas? Um livro diz que foram condenadas à morte pelo príncipe; outro diz que um pombinho furou os olhos das duas...
> - Nada disso aconteceu_ disse Cinderela. Perdoei-lhes o mal que me fizeram_ hoje já estão curadas da maldade e vivem contentes numa casinha que lhes dei, bem atrás do meu castelo. (LOBATO, 2008, p.125).

O mesmo vai acontecer com o Gato de Botas, Capinha Vermelha, Branca de Neve e demais personagens conhecidos dos contos de fadas.

Emília reflete que nem tudo parece tão maravilhoso assim nesse reino encantado e que, na verdade há distopias nessas sociedades também ficcionais.

Mesmo não sendo a intenção de Lobato, ecoar sobre a literatura distópica, as histórias do Sitio nos permite refletir sobre o tipo de sociedade em que vivemos, pois hoje, assistimos a uma sucessão de crise, social, econômica, sanitária e humanitária, cenários humanos muito parecidos com uma das histórias da literatura distópica e que, também, rodeava o autor durante toda a sua vida, mas, Lobato faz acreditar na resistência usando as falas da Emília, uma personagem criadora de ideias e de personalidade muito forte, na coragem de Pedrinho, na doçura de Narizinho, na inteligência de Visconde e Dona Benta. Lobato sonhou com um país progressista, com uma nova mente nacional e, o Sitio de Dona Benta foi o espaço escolhido para que a humanidade se tornasse menos distópica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura sempre encontra um caminho para ir até o leitor, é um encontro de sentimentos que vai agrupando ideias formando, incentivando e criando a essência de sua existência. Nesse percurso, de fazer a palavra arte, a literatura vai se adequado ao tempo e as suas necessidades. No roteiro dessa percepção, a literatura dita distópica, também achou o seu caminho, tentando prever o futuro através de histórias onde universos distópicos tentam ser compreendidos.

Monteiro Lobato é atual, é atemporal. Sua contemporaneidade se nota através da linguagem inventiva e criativa de sua obra, além de uma carga imaginativa sem igual; o humor, o respeito pelo mundo da criança; as questões políticas e sociais abordadas de maneira crítica, o diálogo com as tradições literárias como os contos de fadas são exemplos da qualidade irreparável de sua obra, principalmente a dedicada à criança e ao jovem. Essas questões, qualidades estéticas e artísticas, fizeram de Lobato um escritor que influenciou e influencia muitos escritores.

Percebemos que diante das histórias contadas em *Reinações de Narizinho* (1931), obra que inicia a saga das aventuras do Sítio, contempla-se um universo de fantasia e de maravilhas que caracterizam um olhar diferente pra para a literatura infantil brasileira. Uma livro que mudou a forma de se escrever para criança.

De acordo com Silva (2009, p.105), "Lobato tratou de preencher as lacunas do ensino criando ficções onde a informação se somava à aventura, onde o dogmatismo era substituído pela experimentação e conceitos abstratos eram transformados em vivências concretas". Um livro no qual podemos observar sua dinamicidade e criatividade e em que o autor aposta na inteligência de seu leitor.

As distopias discutidas no texto retratam a modernidade do autor, bem como seu comprometimento com problemas sociais, culturais e econômicos que rondavam o país na época. Um Brasil trazido para o Sitio de Dona Benta, com toda a sua diversidade tanto positiva como negativa. Um espaço para acreditar que sonhos se realizam, mas que existe também outros mundosnão tão mágico como nas terras do Picapau Amarelo. São historicidades discutidas de forma criativa, inteligente e responsável, situando a criança a conhecer o maravilhoso e o fantástico.

Dessa forma, o autor consegue preencher lacunas na forma de trabalhar a literatura infantil, principalmente nas escolas brasileiras onde a pedagogia era "pedagogizante", sem incentivo à criatividade e à individualidade da criança. Lobato consegue transformar o Brasil no seu universo literário. A literatura infantil produzida antes da obra de Lobato era composta, geralmente, de meras histórias moralistas, com o

intuito de ensinar e de educar a criança. O Autor ofereceu uma leitura prazerosa e fez entender que criança é um ser inteligente e capaz de juízos críticos. Desse olhar sobre o leitor, partem as inovações propostas por Lobato, inaugurando uma nova trilha nos caminhos da produção literária orientada para crianças e jovens (SILVA, 2009, p.104).

Embarcando nessa aventura, os títulos se sucedem e ele se consolida junto ao público leitor. Podemos afirmar, assim, que, pelo tratamento inovador que esse ficcionista deu à produção literária, a literatura infantil brasileira se identifica como antes e depois da obra lobatiana.

Assim, nos deparamos em Reinações de Narizinho (1931) com um universo distópico das costumeiras narrativas europeias. O Brasil, está no espaço do Sítio, e todas as sociedades se reúnem nas narrativas dessa saga. A distopia presente na literatura Lobatiana que, ao lado da utopia, discute a natureza humana insatisfeita e sempre em busca de um lugar melhor. Para Lobato, esse lugar era o Sítio do Picapau Amarelo, espaço, onde é permitido sonhar.

REFERÊNCIAS

HILÁRIO, . C. **Teoria Crítica e Literatura**: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anuário de Literatura, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201. Acesso em: 6 dez. 2022.

SILVA, V. M. T. **Literatura infantil brasileira:** um guia para professores e promotores de leitura. 2 ed. rev. Goiânia: Cânone Editorial, 2009

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Globo, 2008

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato um brasileiro sob medida**. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.